

Manifestação do Sagrado no Forte Coimbra

Marlei Teixeira*

A devoção a Nossa Senhora do Carmo no Forte Coimbra

É conforme a necessidade humana de se apegar em algo que diz respeito à sua origem voltado para um mundo sobrenatural que se busca explicações para a fé de uma comunidade. A experiência religiosa vivida no plano coletivo é capaz de mudar o comportamento humano e principalmente despertar a fé dos que não têm, propiciando uma interação maior entre os atores locais no plano espiritual, manifestado por meio de laços de fraternidade, irmandade, orações em comuns, festas e novenas; podendo refletir no plano material (concreto) que avança do ponto vista religioso para *além das paredes da Igreja* configurando assim uma comunidade baseada na ajuda mútua e no desenvolvimento humano.

Meslim¹ afirma que as manifestações do sagrado constituem estruturas nas quais o homem toma consciência do sagrado na expectativa de que o divino que se revela exercendo influência sobre a sua vida e desta forma introduz a ordem e na coesão daquilo que para ele é o real. Portanto, é segundo a consciência humana que o sagrado e o profano existem. “O Sagrado revela a realidade absoluta, e ao mesmo tempo torna possível a orientação, portanto funda o mundo, neste sentido que fixa os limites e por consequência estabelece a ordem cósmica” (ELIADE)².

O espaço Sagrado conceituado por Rosendahl (2002)³ é:

O espaço sagrado como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele que no qual transcorre sua existência. [...] é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania espacialmente definida.

* Historiadora e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local – Mestrado Acadêmico/UCDB – Campo Grande/MS

¹ MESLIN, Michel. *A Experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992.

² ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Libros do Brasil, s.d., p.44.

³ ROSENDAHL. (Org). *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.81.

De acordo com Bazán⁴, a categoria do sagrado excede e transcende a consciência humana, portanto deve-se recorrer ao não-racional para definir o que é essencial ao fenômeno religioso. A vivência com o sagrado é um dado específico e irracional.

Jorge⁵ caracteriza o sagrado sob dois aspectos: racional e irracional:

O sagrado é aquilo que transcende a razão humana e resiste a qualquer redução racional constituindo propriamente o numinoso ou o inteiramente outro. Já o aspecto racional do sagrado é tudo o que pode ser reduzido a categorias racionais como a bondade, a sabedoria, o poder que o homem descobre nas manifestações do numinoso.

Galimbert⁶ conceitua o sagrado de maneira mais específica, uma vez que para ele não é apenas externo, mas interno ao homem, como seu fundo do inconsciente, do qual um dia a consciência se emancipou.

Em suma, pode-se afirmar que a manifestação do sagrado se caracteriza, sobretudo por algo diferente do cotidiano, podendo ser explicável ou não racionalmente num ambiente propício ou criado pelo homem devido a fé que o move a tomar determinadas atitudes.

No caso brasileiro, a Igreja Católica esteve unida ao Estado até a proclamação da República constituindo parte integrante e necessária da sociedade, portanto, todas as festas e comemorações assumiam caráter religioso. O catolicismo oficial estava ligado aos grandes centros do poder político e cultural, onde o povo que não participava deste meio aos poucos se deixava influenciar pelo catolicismo popular trazido pelos europeus. Neste contexto pode-se afirmar que a experiência com o sagrado pode ser também por transmissão cultural, ocasião em que os ensinamentos cristãos ficaram impregnados no

⁴ BAZÁN, Garcia Francisco. *Aspectos incommuns do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2002.

⁵ JORGE, Pe J. Simões. *Cultura religiosa: o homem e o fenômeno religioso*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998, p.31.

⁶ GALIMBERT, Umberto. *Rastros do Sagrado: o cristianismo e a dessacralização do sagrado*: São Paulo. 2003.

consciente do indivíduo e que passaram a adotá-los como seu referencial. Para Beozzo,⁷ “o catolicismo popular seria aquele em que as constelações devocional e/ou protetora superam as constelações sacramental e evangélicas; as relações homem-sagrado tornaram-se diretas; foi o que se poderia chamar de catolicismo privatizado.”

Jorge⁸ afirma que religiosidade popular é “[...] um conjunto de práticas religiosas produzidas pelos estratos sociais mais simples e subalternos da sociedade que usa como fonte inspiradora os códigos do catolicismo oficial”. É uma experiência religiosa vivida pelos fiéis, não se baseia em explicação doutrinal e não é resultado de um discurso racional, mas revela uma superioridade de valores afetivos e emotivos sobre a lógica do raciocínio, há, portanto uma predominância do sentimento sobre a pura racionalidade (MESLIM)⁹.

Esta expressão da fé católica é reveladora do poder que os santos têm por morarem junto de Deus todo-poderoso e por isso são capazes de influenciá-Lo por meio de sua intercessão em favor dos homens na terra. “Os santos, representações fundamentais do catolicismo popular, são seres dotados de poderes sobrenaturais e capazes de interferir na vida e na natureza”. (JORGE)¹⁰. Assim como Jesus sofreu sem ter pecado nenhum para conquistar a salvação dos homens, também os santos sofreram cada qual com suas provações para chegar à santidade. São, portanto, exemplos de vida para muitos cristãos, conquistadores de graças aos homens e são lembrados na terra por meio de imagens, estampas, etc.

O autor citado anteriormente, explica essa relação entre o homem e estes seres espirituais que devido à sua devoção pode alcançar favores tanto no plano material como espiritual, que se expressa através de promessas, novenas, alianças, consagrações e festas. Esta última explicita uma função social do grupo de maneira eficaz, pois, reforça

⁷ BEOZZO, José Oscar et alii. *História da igreja no Brasil*. 3 ed. Petrópolis:Vozes, 1992, Tomo II, v.2º, p 113.

⁸ Opus cit., 1998, p.65

⁹ Opus cit., 1992.

¹⁰ Opus cit., 1998, p.66

os laços de solidariedade quando a comunidade age em favor próprio em nome do santo padroeiro.

Os ritos sacramentais e as festas, observando o ritmo temporalmente, ou seja, repetindo periodicamente as mesmas figuras no espaço, convergem para o mesmo sentido da obtenção da salvação como reconquista e manutenção da ordem estável e total (BAZÁN,).¹¹

Meslim¹² explica as práticas rituais de maneira mais abrangente.

Diremos então que todas as ações rituais, diretamente inspiradas por uma vontade de se religar ao divino, são a expressão prática de uma experiência religiosa e os lugares onde esta se realiza. Mas elas também são a expressão social dela. Elas estabelecem com efeito um laço muito estreito entre o indivíduo crente e o grupo que professa a mesma fé (MESLIN).

É dentro deste contexto que o Forte Coimbra tem sua história, baseada na fé dos seus moradores em Nossa Senhora do Carmo. Desde a sua fundação a Santa foi eleita Padroeira do Presídio, tendo ali, sua capelinha rústica, feita de palha e taipa, sendo o primeiro local na Capitania de Mato Grosso sob a invocação da Santa.

Escolha feliz! Nossa Senhora do Carmo exerceu sempre eficaz assistência à guarnição do Forte e aos reservistas e civis que passaram a residir à sombra dos seus muros. A proteção da virgem, como escudo invisível, pairou de contínuo sobre os defensores do velho baluarte e seus devotos civis. Essa proteção teve lances surpreendentes. Tão maravilhosos foram, por vezes, e tão estranhos aos acontecimentos humanos, que não podem ser admitidos sem aquela força oculta que chamamos carisma ou dom de graça divina. É, pois, de interesse e júbilo para nossa gente passar em revista essas ocorrências históricas. (MELLO)¹³.

Segundo este autor houve um equívoco na escolha do local para a construção do Presídio, pois a determinação era para que fundasse a praça-de-guerra em Fecho-dos-Morros, a 292 Km rio abaixo e o oficial Matias Ribeiro da Costa assentou-a num local semelhante, porém reconhece que tal equívoco tornou-se providencial, visto que não se

¹¹ Opus cit., 2002, p.53

¹² Opus cit., 1992, p.115

¹³ MELLO, General Raul Silveira de. *As maravilhas da Padroeira do Forte Coimbra*. Rio de Janeiro: SMG – Imprensa do Exército, 1965, p.6.

teria agüentado para o destinado. Em 1777, o rústico presídio foi destruído por um incêndio. “Tal sinistro teria sido uma paradoxal advertência da Padroeira contra as instalações de madeira e palha, improvisadas dois anos antes, que já deveriam estar substituídas por melhores construções, notadamente quanto à acomodação do pessoal.” (MELLO)¹⁴.

Em 1778, o presídio foi invadido pelos índios guaicurus que há muitos anos antes haviam sofrido violências das expedições portuguesas e resolveram vingar-se. Mello¹⁵ considera que nesta situação não houve desamparo da Padroeira, o que aconteceu foi mais uma lição suscitada por Ela, por não observarem as regras de prudência militar e cristã.

A partir de 1790 os guaicurus começaram a dar sinais de entendimento, tornando-se amigos dos portugueses. A mudança de comportamento é também atribuída à intervenção da virgem “[...] que visava a concórdia e o bem de ambos, inspirou e abençoou a tática amistosa do novo comandante do Presídio, Major Joaquim José Ferreira, que, por humana e cristã sabedoria, logrou a paz com os guaicurus”. (MELLO)¹⁶

O Forte permaneceu por 22 anos com uma construção bastante rústica e somente em 1797, os portugueses preocupados com ataques espanhóis resolveram substituí-lo por um forte de alvenaria, sendo o construtor o Cel Ricardo Franco de Almeida Serra. Em 1798, na ocasião da festa da Padroeira, este comandante mandou vir uma nova imagem de Nossa Senhora do Carmo, entronizando-a na primitiva capelinha considerada como preciosa relíquia do Forte.

Em 1801 o Forte foi atacado pelos castelhanos com grande aparato de Guerra, mas Ricardo Franco resistiu o combate e o triunfo foi também considerado um milagre da padroeira, sendo que a guarnição nada sofreu. A incerteza da vitória era tamanha que o

¹⁴ Opus cit. 1965, p.9

¹⁵ Opus cit. 1965.

¹⁶ Opus cit, 1965, p.10

comandante sofreu resistência da maior parte da guarnição, inclusive dos oficiais, frente ao poderio da frota castelhana, mas mesmo assim continuou a combatê-los conseguindo sair triunfante de um jogo desigual, porque era também cristão depositando total confiança na Padroeira do Forte e o chefe castelhano suspendeu o ataque. (MELLO)¹⁷. “Este fato espetacular assim aconteceu porque a Padroeira do Forte, assumindo o controle das operações, as conduziu de sorte a tornar irredutível a defesa e invulneráveis os homens da guarnição”. (MELLO)¹⁸.

Em 1803 ao terminar as obras mais urgentes do Forte optou-se por sua inauguração com cerimônia da tropa e dos civis que ali residiam. Em uma procissão ao toque de flauta, rebeca e tamborim introduziram a imagem da Santa em um oratório, que até então se encontrava em uma velha paliçada. A capela para santa foi construída em 1806.

De acordo com Mello¹⁹ na investida do Forte em 1864, os paraguaios foram favorecidos pelo rio baixo, na hora do desembarque, pois o tempo estava firme e com cerração pela manhã, propiciando a marcha das tropas recém desembarcadas. Por outro lado os militares brasileiros não perceberam a aproximação de navios inimigos devido a escuridão da noite. E no dia 27 de dezembro de 1864, ao amanhecer, as sentinelas avistaram os navios e a partir de então o Tenente Coronel Hermenegildo de Albuquerque Portocarreiro passou a tomar providências requeridas de um possível ataque.

Ao chegar ao Forte um comunicado redigido em forma de *ultimatum* que intimava a entrega da fortaleza no prazo de uma hora, caso contrário o Forte seria tomado a força. Em resposta Portocarreiro enviou um comunicado que entregaria só pela sorte e

¹⁷ Opus cit., 1965

¹⁸ Opus cit., 1965, p.16

¹⁹ Mello, General Raul Silveira de. História do Forte Coimbra 1823-1870 e 1870-1955, X e XI Períodos. Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1961. 4 V.

honra das armas. O chefe paraguaio rompeu fogo e sua infantaria conseguiu aproximar - se do Forte e reconhecer o terreno por onde realizaria o assalto.

Neste segundo ataque (1864-1870), novamente a guarnição brasileira foi surpreendida com um insignificante número de homens (115) diante de 3200 inimigos que desembarcavam objetivando prosseguir na ocupação do Sul de Mato Grosso. O comandante brasileiro Portocarreiro, não se intimidou e enquanto canhões e fuzis alvejavam as tropas paraguaias, a esposa do referido comandante, Ludovina e as demais mulheres recorreram à oração, pois acreditavam nas forças sobrenaturais nesses momentos de angústias.

As esposas dos militares os encorajavam:

[...]dividia-se e subdividia-se, ora percorrendo as baterias, animando, encorajando os combatentes, ora entre suas companheiras de infortúnio, aconselhando às fracas que não chorassem e tivessem fé em Deus, porque suas lágrimas só poderiam enfraquecer e entibiar os combatentes; que orassem à Nossa Senhora pedindo seu auxílio e proteção, e, no mesmo instante, sobraçando o filhinho que chorava, apoderar-se da banda militar do marido e ir depositá-la aos pés da Virgem Mãe, que não tardou em ficar, esquecida, como oferenda propiciatória, e a quem de momento a momento já oferece sua fervorosa prece, voltando logo para o meio dos combatentes a recomençar seus atos de heroísmo. (GUIMARÃES)²⁰.

Esgotadas as possibilidades de defesa, esperava-se que a salvação do Forte viesse das mãos da padroeira. A esposa do comandante entregou a imagem da Santa a um soldado e este a elevou o mais alto que pôde exclamando: Viva Nossa Senhora do Carmo!

O aparecimento da imagem causou espanto e surpresa a todos. Dos dois lados cessava o fogo, separados pela guerra, mas unidos pelo sentimento religioso. Mello²¹ ,

²⁰ GUIMARÃES, Ten Cel Jorge Maia de Oliveira. *A invasão de Mato Grosso*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1964, p.80. V.33.

²¹ Opus cit., 1965

afirma ainda que formavam dois coros opostos. De um lado os portugueses aclamavam o Viva a Nossa Senhora do Carmo e os castelhanos respondiam:

- Viva Nuestra Señora Del Carmem!

Movidos por tal entusiasmo que os coros entoavam, passaram-se do motivo religioso para o patriótico. Davam vivas ao imperador, ao Brasil, ao Exército, enquanto que os paraguaios exaltavam o Marechal Lopez, a República do Paraguai, etc.

Os paraguaios abandonaram o terreno conquistado com grande sacrifício e o milagre da primeira jornada se repetiu na segunda quando Portocarreiro impunha a retirada, tendo à frente do cortejo a imagem da padroeira; era noite e os vigias paraguaios não perceberam a evasão. Este fato também foi atribuído a intervenção da Santa.

[...] é de se concluir que interveio ali um poder estranho, invisível, que excedia a possibilidade e previsão humana. Esse poder invisível, mas real, foi exercido por Nossa Senhora do Carmo Padroeira do Forte. Ela ofuscou a visão e a lógica de uns para propiciar a incolumidade de outros. (MELLO).²²

Mello²³ esclarece que os feridos paraguaios foram recolhidos e tratados no forte. Havia muitos feridos dentro de mato, mas pela aproximação da noite não puderam ser encontrados.

Devido à falta de munição a retirada foi inevitável e o que parecia impossível, foi exatamente o que aconteceu, por influência da Padroeira do Forte. Ninguém foi atingido pelos inimigos entre os militares o Forte Coimbra.

[...] como sinal carismático da influência da Padroeira, que só não houve detrimento algum onde sua imagem esteve presente. Somente o vapor que a conduziu e o séquito que a acompanhou não sofreram os azares da perseguição e da viagem, e, por consequência, só eles puderam chegar, como chegaram, por primeiro, a Cuiabá, sem dano algum.(MELLO)²⁴.

²² Opus cit., 1965, p.30.

²³ Opus cit., 1961.

²⁴ Opus cit., 1961. p.204

A fortaleza foi ocupada pelos paraguaios até 1868, quando tiveram que recuar, pressionados pelas vitórias brasileiras no Sul, deixando o Forte quase totalmente destruído.

Mello²⁵ esclarece sobre a facilidade que o brasileiro tem em naturalizar aquilo que é sobrenatural. “Certamente esses motivos não diriam respeito ao lugar, ao rio, às muralhas do Forte, que são meros acidentes comuns à natureza das coisas. As razões determinantes seriam, evidentemente, de ordem sobrenatural, por nós ignorados”.

Conclusão

Conclui-se que a fé na Nossa Senhora do Carmo é uma expressão da religiosidade popular no Forte Coimbra. Os moradores são testemunhas vivas de sua intervenção de modo especial nos momentos mais difíceis. No caso específico da guerra, a presença marcante da Santa foi resultado da invocação dos fiéis que utilizaram a imagem para representar o que transcende que é sua real proteção. Esta fé une as pessoas, é algo que vai além da razão humana e por isso não tem ocasião específica para invocar, pois é sempre muito superior às realidades terrestres, capaz de tornar possível o impossível humano.

²⁵ Opus cit., 1961, p.308